



## ARTHUR RAMOS E A "CREANÇA PROBLEMA" NA ESCOLA PÚBLICA DOS ANOS 1930

Ana Paula Ferreira da Silva\*

**Resumo** – A proposta deste artigo é resgatar alguns elementos da constituição histórica de nossa escola pública, especialmente das primeiras décadas do século XX, relacionados à necessidade de identificar e diferenciar os alunos que não se adaptavam à escola, bem como de explicar tal inadequação a fatores externos ao sistema de ensino. Para tanto, são apresentados trechos de três obras de Arthur Ramos, publicadas nos anos 1930, que indicam a ação do movimento higienista, bem como o cotidiano de crianças que frequentaram a escola nesse período, com o propósito de analisar tanto os aspectos que a escola utilizava para identificar os alunos que não se adaptavam às suas regras quanto as condições de vida daqueles que tiveram acesso à escola pública da capital federal.

**Palavras-chave:** Arthur Ramos, criança-problema, movimento higienista, aluno, adaptação escolar.

Julia (2001, p. 10) descreve a cultura escolar como

[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Valendo-se da perspectiva de que a incorporação e sedimentação de aspectos que compõem a cultura escolar são historicamente construídas, a proposta deste artigo é resgatar alguns documentos que registraram normas e práticas, características do movimento higienista, no início do século XX, sobre o cotidiano dos alunos que não se adaptavam ao modelo escolar, de modo a apresentar alguns elementos de que as bases da constituição histórica de

---

\* Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora assistente da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e assistente de pesquisa (bolsista) da Fundação Carlos Chagas (FCC).

nossa escola pública fundaram-se no argumento de que são os alunos – ou alguns "tipos de alunos" – que não estavam adaptados ao "bom modelo de ensino".

Como veremos, a expressão "aluno-problema" é datada, mas nomear quem não se adaptou à escola possibilitou diferenciar aqueles alunos que apresentavam qualquer tipo de incapacidade ou inabilidade para a aprendizagem. Justificar as causas desse desajuste pareceu ser uma necessidade crescente no século XX.

Alguns estudiosos, a seu tempo e entre limites e possibilidades, empreenderam estudos que se aproximaram desses sujeitos e averiguaram quais fatores – sociais, biológicos e psicológicos – poderiam influir no seu desempenho escolar. Entre eles, destaca-se, neste texto, o esforço de Arthur Ramos – médico higienista nomeado por Anísio Teixeira para assumir o serviço de ortofrenia e higiene mental do Distrito Federal, no início dos anos 1930 – de questionar as marcas até então atribuídas às crianças anormais.

Atualmente, a produção de Ramos poderia ser considerada um estudo microssociológico, pois suas análises foram realizadas a partir da aproximação concreta daqueles sujeitos "não adaptados" ao sistema escolar. Nas obras de Ramos, encontramos fragmentos que demonstram a maneira como a sociedade brasileira e a escola alimentaram uma "aversão" ao aluno "propenso" ao fracasso – nomeando-o como anormal ou criança-problema – e os conteúdos que serviram para identificá-los e diferenciá-los.

A expressão "anormal", herdada dos países europeus (entre os séculos XVIII e XIX), chegou ao Brasil quase que no mesmo momento em que os movimentos da antropometria, psicometria e psicologia experimental ganhavam força. Por meio da aplicação dos testes psicológicos, tornou-se possível mensurar a inteligência das crianças, e Binet e Simon, os "pais dos testes de inteligência", possibilitaram que a "idade mental" fosse confrontada à idade cronológica, determinando, assim, o "quociente intelectual" (QI). Uma criança, portanto, poderia ser avaliada e classificada, segundo esse método, como "supernormal", "normal" ou "atrasada mental", sendo esta última categoria organizada em três grupos: débeis, imbecis e idiotas, respectivamente do menor grau de atraso para o maior (RAMOS, 1939a, p. XIV).

No Brasil, a introdução dessas ideias de mensuração e classificação encontrou eco na busca por explicações para o atraso do país. O homem miscigenado e a criança passaram a ser alvos das práticas laboratoriais, fosse para verificar "os danos da mestiçagem" ou ainda para "regenerar o país" por meio da educação (FREITAS, 2002, p. 351).

A psicometria e a pedagogia experimental, no Brasil, desdobravam-se das ações laboratoriais produzidas sob a cura da antropologia que, de certa forma, era também interpretada como uma ciência capaz de organizar a ação da medicina enquanto "ciência da sociedade". O encontro dessas ciências com a psicologia experimental tornou a criança e o homem miscigenado objetos de práticas laboratoriais destinadas a aferir possibilidades e, principalmente, impossibilidades das pessoas diante dos imperativos da civilização (FREITAS, 2002, p. 349).

No início do século XX, a medicina, a antropologia e a psicologia deram ao saber pedagógico um caráter "novo, moderno, experimental e científico" (CARVALHO, 2003, p. 291).

Portanto, o esforço para identificar as anormalidades e degenerescências não ficou a cargo apenas do campo educacional. Médicos e higienistas empreendiam ações cujo objetivo era sanear o país para que fosse possível tirá-lo do atraso. Conforme Cunha (2007, p. 450), "no Brasil, a história da cientifização da escola teve um importante marco no século XIX, que coincidiu com a campanha levada a cabo pelos médicos higienistas para modernizar a família brasileira". Foi a partir de 1920, no entanto, que a relação entre saúde e educação intensificou-se.

Nos anos 20 [...] saúde e educação se apresentavam, para seus agentes, como questões indissociáveis. No campo da saúde, firma-se [...] a convicção de que medidas de política sanitária seriam ineficazes se não abrangessem a introjeção nos sujeitos sociais, de hábitos higiênicos, por meio da educação. No movimento educacional da mesma década, a saúde é um dos pilares da grande campanha de regeneração nacional pela educação (CARVALHO, 2003, p. 305).

No início do século XX, as preocupações crescentes com o controle de epidemias e a ideia de que só seria possível erradicar as doenças incutindo hábitos de higiene na população tornaram a criança e a escola não apenas os principais alvos das campanhas higienistas, mas também possibilitaram que a saúde fosse chamada para explicar as inadequações dos alunos ao sistema escolar.

Os princípios científicos pautaram muitas ações educacionais e, em determinados momentos, serviram para explicar "racionalmente" as defasagens escolares e inclusive determinar níveis de anormalidade, por meio dos testes psicológicos. Conforme assinalou Dante Moreira Leite (1972, p. 322), os critérios que separam as crianças normais das chamadas retardadas podem ser muito sutis, pois

[...] a classificação de uma criança como mentalmente retardada depende do grupo de que faz parte, e onde foi feita a medida de inteligência. [E explica que] o grande problema para essa delimitação refere-se ao grupo de crianças que estão no limiar de retardamento [pois,] se considerarmos que um QI abaixo de 85 indica retardamento, nesse grupo incluiremos número muito maior de crianças do que quando aceitamos o limite no QI de 70.

Essa subjetividade esteve presente não apenas nos testes psicológicos, mas também nos critérios utilizados pelos professores para identificar os alunos anormais.

Na obra de Arthur Ramos, temos dezenas de exemplos de alunos ditos anormais que, mediante seu levantamento, não apresentavam nenhum tipo de deficiência no desenvolvimento físico ou mental.

No início de 1933, Arthur Ramos assumiu o serviço de ortofrenia e higiene mental (Sohm) do Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal, a convite de Anísio Teixeira e sob a gestão de Pedro Ernesto. Dada sua formação médica e seu interesse pela psiquiatria, Ramos propôs uma abordagem bastante característica da higiene mental nas escolas. Em 1934, instalou clínicas ortofrênicas em seis escolas experimentais<sup>1</sup>, cujos trabalhos abrangiam tratamentos médicos, acompanhamento para professores e familiares das crianças, além de orientação aos "fisicamente sãos". Segundo Ramos (1934, p. 3), o Sohm "auxilia a tarefa pedagógica, prevenindo e corrigindo todas as falhas que impliquem uma inibição momentânea ou um defeito mais grave de caráter, dificultando o trabalho educativo". A proposta, portanto, era atuar de modo a conservar a criança normal e prevenir maus hábitos, além de "ajustar a criança desajustada".

Na obra *A família e a escola – conselhos da higiene mental aos pais*, Ramos (1934, p. 4) afirma que

[...] a Higiene Mental e a Ortofrenia não se ocupam somente com a criança e o escolar. Vão mais além. Estudam a personalidade dos pais e dos mestres, o seu comportamento no lar e na escola, a atitude em relação às crianças, o ambiente do lar, da escola, os binômios pais-filhos, professores-alunos ou grupos sociais mais largos, na família, na escola, no meio social, na vida do grupo, ajustando, prevenindo, corrigindo, facilitando a tarefa educativa.

De modo geral, o texto de Ramos aborda a questão da formação psicológica da criança e indica que de nada adiantará a casa ser higienizada se as relações humanas existentes nesse espaço não contribuírem para o seu desenvolvimento sadio.

Entre as diferentes situações identificadas pelo autor como capazes de gerar o desajustamento da criança, temos o caso do filho único, do filho amado ou odiado, das relações entre irmãos, dos conflitos familiares e a interferência de outros parentes na formação da psique infantil, todos abordados em capítulos próprios.

Em cada um deles, Ramos apresenta casos reais de crianças atendidas em sua clínica. Esse tipo de texto – que atrela à explicação científica alguns exemplos reais e os encaminhamentos sugeridos aos pais e/ou professores – caracterizou-se pelo tipo de levantamento e de pesquisa que desenvolvia, e sua forma mais acabada pode ser conferida na obra *A creança problema*, publicada em 1939. Nela, o autor apresenta as mais diversas situações que podem gerar uma inadequação social da criança, citando casos escolares que foram atendidos pelo serviço de ortofrenia e higiene mental.

---

1 - Para mais informações, ver Freitas e Biccás (2009, p. 80-83).

Entre 1934 e 1939, cerca de dois mil alunos<sup>2</sup>, entre os quais aqueles considerados "difíceis", foram observados em escolas públicas experimentais do Distrito Federal. Desse empreendimento resultou um grande levantamento sobre "a criança dentro das suas constelações totais de vida e de experiência" (RAMOS, 1939a, p. XI).

Nas fichas de atendimentos, constavam anotações sobre o sexo e a idade da criança, a profissão dos pais, indicando se eram vivos e se dispunham de boa saúde, em que circunstâncias se deram a gestação e o parto, se tinha irmãos e/ou outros familiares morando na mesma casa, quais as condições de habitação, informações sobre as atividades desenvolvidas durante o dia, as alterações do sono, seus medos e aspectos da personalidade. Em sequência, apresentavam os hábitos e as queixas escolares e se havia problemas orgânicos. Finalmente, indicavam os tratamentos médicos necessários e as orientações aos pais e/ou mestres. A título de exemplo, segue um registro:

Obs. 4 (Escola "Manoel Bonfim", ficha nº109 do S.O.H.M.). O. T., menino de 13 anos, cor branca. Pai falecido, quando a criança tinha um ano de idade. A mãe é professora particular, boa saúde. Tem uma irmã de 19 anos, que trabalha no comércio. Em casa mora ainda um tio materno solteiro. A criança é muito mimada por todos. "Mamãe gosta mais de mim, porque sou o caçula", diz o menino. Moram em casa alugada, de vila, bom aspecto. Não há acomodações para a criança, que dorme no mesmo quarto com a mãe e a irmã. Nada de anormal na história obstétrica materna. Dorme no mesmo leito da mãe. Portas fechadas. Tem medo de ladrão e de fantasmas. Tem medo da escuridão e do isolamento. Não brinca em casa.

Na escola, gosta de ping-pong e bola. Bons hábitos de limpeza corporal. É pálido, cabelos pretos bem distribuídos. É taciturno, desconfiado e tímido, às vezes agitado. Aprendizagem fraca. O exame orgânico revelou lues congênita, reflexos exagerados, fácies adenoideana. A orientação consistiu no tratamento orgânico, específico, ao lado de conselhos à mãe, no sentido de corrigir a atitude de amparo, proteção e carinho demasiados com o filho (RAMOS, 1939a, p. 30).

---

2 - Segundo Fernando de Azevedo (1963, p. 718), "no quinquênio de 1932-1936, o ensino primário [no país] cresceu de 100 para 129 [...], isto é, as unidades primárias que eram 27 662, em 1932, subiram a 35 555, em 1936. [...] Em 1938 a matrícula nas escolas primárias, de ensino comum e supletivo, atingiu ao total de 3 110 000 alunos ou, mais precisamente, 3 109 784, contra 2 860 000 no ano anterior e, portanto, de um ano para outro, um acréscimo de mais de 232 mil alunos matriculados. [...] A matrícula subiu um pouco mais de 2 milhões em 1932 para cerca de 3 milhões e 110 mil, no exercício de 1938, revelando um crescimento de 50% em relação àquele primeiro total ou de 40%, se levarmos em conta o crescimento (10%) da população total, naquele mesmo período. Por mil habitantes, em 1932, só possuíamos 50 alunos matriculados; em 1937, esse número subiu a 62 e, em 1938, atingiu a 70, - o que representa um considerável crescimento da rede escolar, de ensino primário, comum e supletivo, e o maior verificado, em igual período, nos últimos cinquenta anos". Essa passagem demonstra que o total de alunos que Ramos observou, só no Distrito Federal, correspondia a algo em torno de 0,06% a 0,1% da população escolar primária do país.

Como anteriormente citado, a proposta dessas clínicas não era atuar somente junto às "crianças desajustadas". Para Ramos, era necessário estudar a criança normal para compreender as questões que levam outras ao desajustamento. Da mesma forma, a família e as professoras recebiam orientações, pois, de modo geral, pressupunha-se que todas as questões geradoras de comportamentos inadequados eram causadas por tratamentos inconvenientes dispensados às crianças pelos adultos.

Entre as inúmeras situações relatadas por Ramos, destaca-se o levantamento realizado por sua equipe para examinar quais fatores eram utilizados pelos professores para classificar determinados alunos como "anormais".

Verificou-se que aproximadamente 90% das crianças consideradas anormais não tinham nenhum "[defeito constitucional, hereditário], ou de causas varias que lhes produzissem um desequilíbrio das funções neuro-psychicas, [que lhes impedissem] de ser [educadas] no ambiente da escola commum" (RAMOS, 1939a, p. XI), entretanto "essas pobres creanças [eram] victimas da incompreensão dos adultos, do seu meio, da sua familia, da escola" (RAMOS, 1939a, p. XVII).

Essa constatação possibilitou que, naquele momento, o aluno fosse compreendido na sua integralidade, revelando suas condições de vida e o modo como se davam as relações sociais entre adultos e crianças. Permitiu, também, o questionamento do termo "anormal", pois, na medida em que servia para nomear todo tipo de inadequação infantil – fosse física, mental, social, emocional ou cultural –, não tinha nenhum tipo de utilidade.

Nesse sentido, Ramos (1939a, p. XII) pontua que "esta nossa tentativa é contemporanea de outras, em varios paizes, que estão reagindo contra as velhas concepções que vinham estudando a 'criança anormal' das escolas" e propõe o

[...] conceito de "criança problema", em substituição ao termo pejorativo e estreito de "criança anormal", para indicar *todos* os casos de desajustamento caracterológico e de conducta da criança, ao seu lar, à escola e ao currículo escolar. Alguns autores tomam a expressão num sentido largo, englobando no conceito de "problema", todas as dificuldades infantis – físicas, mentaes e sociaes. A expressão ficou, porém, para designar mais especialmente, os casos de desajustamentos psycho-sociaes que não cheguem aos casos-limites do disturbio mental constitucional (RAMOS, 1939a, p. XXI).

Conforme Freitas e Biccás (2009, p. 81), "o conceito de 'criança-problema' foi construído com sólida base da pesquisa empírica e desmanchou com facilidade o uso pouco criterioso da palavra 'anormal' pelos professores de então".

A criança-problema, portanto, "era, antes de tudo, a criança que trazia para dentro da escola as instabilidades de sua vida particular e os reflexos de hábitos adquiridos em todas as suas esferas de sociabilidade extraescolares" (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 81).

Pode-se inferir que a disseminação do novo conceito deveu-se à legitimidade que sua posição de chefe do Serviço de Higiene Mental do Departamento de Educação do Rio de Janeiro lhe conferia e pela possibilidade de divulgar seus estudos pelo Serviço de Publicações e pela Secção de Radiodifusão do Instituto de Pesquisas Educacionais, cujo programa, veiculado todas as quintas-feiras, às 18 horas, com duração de 15 minutos, divulgava conselhos sobre higiene mental (RAMOS, 1934, p. 6).

Para o campo da educação, seu principal legado foi registrar detalhadamente e especificar as incontáveis situações sociais vividas pelas crianças que culminavam em comportamentos escolares considerados inadequados.

Dentre os registros, vale ressaltar as dificuldades escolares enfrentadas por uma menina que teve queda de rendimento escolar devido à ansiedade de seu pai em obrigá-la a estudar.

Obs. 19 (Escola "Bárbara Ottoni", ficha nº141 do S.O.H.M.). D. F., menina de 8 anos, côr prêta. O pae, brasileiro, côr prêta, servente da Escola Militar, alegre, bõa saude. Castiga os filhos com chicote, principalmente quando D.F. não aprende a grammatica que elle ensina. A mãe, brasileira, côr prêta, é cozinheira e analphabeta; fala muito e zela pelos filhos. Dois irmãos, um menino de 13 annos, interno num collegio e uma menina de 6 annos. Todos os avós já falleceram.

Moram em quarto alugado em casa de habitação collectiva. Não há accommodação para a menina. Vizinhança má. Vão raramente a cinema e passeios. Poucas visitas de parentes. Nada de anormal na história obstétrica materna nem no desenvolvimento da menina. Deita-se às 22 horas, levanta-se às 6; dorme em leito commum a uma irmã de 6 annos, no mesmo quarto dos paes.

Brinca em casa sozinha; trabalha muito em casa, ajudando a mãe. Na escola brinca com os companheiros; gosta muito de brinquedos de roda. Faz desordens na turma, tendencia a dominar, atormenta os collegas com beliscões, implica e briga com os collegas, conta fanfarronadas, chora facilmente, é tagarella, mente muito. Não é assejada; está sempre mastigando pedacinhos de papel; tem o *tíc* de pestanejar. É agitada, agressiva, imaginativa, bulhenta, fala constantemente e dá gargalhadas espetaculares. Pêso, 24k800, altura 1m245. Lymphantismo pronunciado. Do registro de observações:

"1935

- D., você gostava tanto de estudar, porque está ficando vagarosa?

- Eu ando cansada.

- Cansada de que? Você brinca tanto!

- Em casa eu trabalho muito.

- Que faz você?

- Ajudo a mamãe. Enquanto ella lava roupa dos freguezes, eu varro e limpo os moveis. Depois lavo a roupa de casa e passo a ferro. Mamãe faz o almoço de vespera, à noite e pela manhã faz o jantar. Eu também olho o fogo e as panellas, enquanto ella faz outros serviços.

- Quando é que você brinca?
  - Só aos domingos, à noite. Papae não deixa brincar nos outros dias. Depois do jantar, quando guardo a louça que lavei, vou estudar com papae.
  - Que ensina ele?
  - Grammatica. Já sei os pronomes e quando se escreve letra maiuscula e minuscula. Se eu não respondo direito, entro na pancada.
  - Você apanha?
  - Se apanho ... e de chicote!
  - Como é este chicote?
  - É uma correia amarrada num pau...".
- "Novembro de 1935 – Conversamos com a mãe da menina, esclarecendo-a sobre os inconvenientes dos maus tratos e castigos corporaes, e ella nos prometteu amenizar os trabalhos em casa e agir junto ao pae, para não espancar mais a criança" (RAMOS, 1939a, p. 54-55).

Relatos como esse permitem conhecer de perto o cotidiano dessas crianças consideradas inadaptadas ao sistema escolar. A situação dessa menina em muito se aproxima do que Lahire (2004) denomina "mito da omissão parental". Quando não há essa aproximação, explicações superficiais, como a pobreza, a condição iletrada dos pais, a preguiça ou falta de esforço e interesse da criança são chamadas para justificar as dificuldades e inadequações. Entretanto, no momento em que suas condições reais de vida se tornam visíveis, é possível compreender quais as causas desses desajustamentos. No caso de D. F., por exemplo, o excesso de trabalhos domésticos, as atividades escolares impostas pelo pai e as penalidades que lhe eram aplicadas tornaram-se a causa da queda do seu rendimento.

A aproximação microscópica é capaz de desvelar condições e circunstâncias singulares de adaptação do "aluno-problema" ao mundo escolar.

A obra *A criança problema*, portanto, expõe questões preciosas, bem como oferece diversos dados sobre o modo como a criança era tratada no início do século XX na capital federal, já que os registros esmiúçam o tratamento dispensado por famílias de diferentes nacionalidades e condições socioculturais e econômicas diversas.

Com base nas inúmeras informações que obteve sobre as condições de vida da criança, Ramos diferenciou as dificuldades escolares decorrentes de deformidades físicas das inadequações comportamentais, marcando decisivamente a diferença entre "crianças anormais" e "crianças-problema".

A grande contribuição de Arthur Ramos inscrita na década de 30 foi ter voltado sua atenção para a criança dita *anormal*. Podemos, hoje, até dizer que a criação do termo "criança problema" não é bom, já que nomear é fazer existir. Mas a revisão de casos de crianças registradas nas escolas como anormais tirou 90% de crianças dessa condição e sobretudo

do tratamento a elas imposto. As crianças com desempenho escolar insatisfatório, inquietas, mentirosas, seriam "crianças problema" e a atenção que requeriam era outra, muito diferente daquela que obtinham (ou não obtinham) quando portavam o título de anormais (LOPES, 2002, p. 333-334).

Revelou, também, incontáveis situações que interferiam no bom desenvolvimento e culminavam no comportamento inadequado do aluno: a criança mimada, a escorraçada das mais diferentes formas (pauperismo, miséria, delinquência, alcoolismo, o filho ilegítimo ou aquele cujos pais são separados, os órfãos, os adotados, os enteados, a ação de madrastas e padrastos) e as condições de criação no ambiente familiar (o caçula, o primogênito, o filho do meio, o filho único, o menino entre várias irmãs e a menina entre vários irmãos, a ação de avós, tias, madrinhãs, amas de leite) são alguns dos fatores indicados por Ramos.

Do levantamento realizado na rede pública da cidade do Rio de Janeiro, Ramos identificou que as queixas dos professores referiam-se a crianças turbulentas, agressivas, agitadas, desobedientes, indisciplinadas, desatentas, mentirosas, medrosas, desconfiadas, dissimuladas, em geral com tendência para dominar, com sexualidade aguçada precocemente, com aprendizagem difícil ou que furtavam. Algumas delas ainda hoje são recorrentes nas falas dos professores, quando precisam justificar as dificuldades e o insucesso escolar de determinados alunos.

Dentre as causas que poderiam gerar comportamentos inadequados, Ramos aponta, em relação aos pais, o alcoolismo, a agressividade ou mimos excessivos, a orfandade, a ilegitimidade e a falta de autoridade do adulto em relação à criança. Outros fatores que também poderiam interferir eram as precárias condições de habitação ou da vida familiar, as doenças e situações de "inquietação moral" durante a gestação, as dificuldades de desenvolvimento desde a primeira infância e a influência negativa de outras pessoas na formação e na educação da criança.

Embora a questão da pobreza esteja presente, não há ênfase ou predeterminação dessa questão em relação às outras. De acordo com os inúmeros fatos apresentados, o comportamento de uma família miserável que escorraça a criança era tão inadequado quanto a posição de famílias mais abastadas, que aplicam castigos físicos ou morais ou, ao contrário, mimam demais os filhos.

Tomemos alguns casos como exemplos: no primeiro, os problemas escolares relacionados ao excesso de mimos; no segundo, as dificuldades na adequação de seu comportamento escolar diante das permanentes agressões; e, no terceiro, as implicações do pauperismo no desenvolvimento da criança:

Obs. 8 (Escola "Manoel Bomfim", ficha nº 290 do S.O.H.M.). M. A. N., menino de 8 anos, côr branca. Paes brasileiros, nada de interessante a registrar. Tem uma irmã mais velha. Moram

em casa alugada, de bom aspecto, com acomodação para a criança. Nada de anormal na história obstétrica materna. Deita-se às 21 horas, tem medo da escuridão e do isolamento. Brinca em casa com a irmã e com os meninos da vizinhança. Gosta muito de bicicleta. Muito mimado em casa. Na Escola, é desobediente, fanfarrão, tagarela. De sua ficha:

"1936 – esta criança está desajustada ao meio escolar. Não cumpre os deveres de classe, é desobediente às ordens gerais da Escola. Ficou apurado que os pais e todos da família o tratam com muito mimo por ser caçula, dando todas as responsabilidades à irmã mais velha. Procuramos esclarecer a situação com a mãe".

"Novembro de 1936 – A mãe da creança está agindo melhor, mostrando compreender o caso; vae procurando dar ao menino tarefas de responsabilidade, como fazemos na Escola, diminuindo progressivamente os mimos" (RAMOS, 1939a, p. 32).

Obs. 24 (Escola "Argentina", ficha nº 264 do S.O.H.M.). W. B. R., menino de 8 anos, cõr branca. O pae é português, carpinteiro, energico e irascível (informação da creança: "quando elle se aborrece, dá cada surra na gente ..."). A mãe, portugueza, domestica, não goza de boa saúde. 4 irmãos, do sexo masculino, respectivamente de 14, 12, 10 e 6 annos de idade. Os avós e outros parentes não exercem influencia sobre a creança. Moram em casa alugada, em "villa", com accomodação para a creança. Quintal para brincar. A mãe prohibe-o porêr de sahir e brincar na vizinhança. Nada de anormal na historia obstetrica materna. O desenvolvimento do menino apresenta algumas dificuldades. Defeitos da palavra: tatibitati e rhotacismo, gagueira às vezes, persistindo até hoje. Deita-se às 22 horas, levanta-se às 7; dorme em leito commum a mais 3 irmãos. Brinca em casa e na Escola; brinquedo preferido: carrinho. Tendência a dominar.

Na Escola, é dissimulado, desobediente, atormenta os collegas, fanfarrão, tagarella, embirante, mente às vezes. Esgaravata o nariz, suga o pollegar. É medroso, agitado, ironico, aggressivo, com bizzarras periodicas. Attenção e memória iracas. Muito suggestionável. Aprendizagem má. O exame organico revelou symptomas de verminose, anemia secundaria, lymphatismo.

Do registro de observações da sua ficha:

"1936 – É uma creança instavel. Sua attitude em casa é irrequieta, atormenta os collegas, desrespeita a professora. Repete o primeiro anno pela terceira vez. As informações maternas consignam que o W. é um menino 'levado, bate nos outros e é pirracento'. A mãe faz-lhe mêdo e bate na creança".

"Erra sempre os exercicios escolares, troca letras e quando se fala com ele, fecha os ouvidos e fica rindo, numa attitude irônica... Muito teimoso, não se convence dos enganos perpetrados".

Da orientação aconselhada:

"Correcção do ambiente familiar: mostrar aos paes os inconvenientes dos castigos e ameaças à creança. Jogos ao ar livre, investigar o interesse do menino e dar-lhe tarefas em correspondência com esses interesses, nas classes e nos jogos".

"Tratamento orgânico intensivo (calcioterapia, iodotânicos, antihelmínticos...)" (RAMOS, 1939a, p. 58-59).

Obs. 5 (Escola "Estados Unidos", ficha nº 42 do S.O.H.M.). O. S., menino de 12 anos, côr parda. O pae, brasileiro, profissão de pedreiro, alcooliza-se com frequência; torna-se coletrico nestas ocasiões, e espanca os filhos por qualquer motivo. A mãe, brasileira, lavadeira, também trata os filhos com muito rigor, espancando-os. 6 irmãos, duas meninas de 1 e 10 anos, e quatro meninos, de 3, 5, 13 e 14 anos. Diz o menino que os avós maternos eram índios; teria muitos parentes maternos índios; "o pae e outros parentes foram a Matto Grosso buscar quatro tios; foram armados e conseguiram encontrá-los, mas não puderam trazê-los porque elles não podiam ver gente e os queriam matar". Moram em casa alugada, habitação colectiva; não ha accommodação para a creança, que dorme no mesmo quarto de toda a família. O menino trabalha muito em casa carregando peso na cabeça. Nada pode ser apurado sobre a historia obstetrica materna e a primeira infancia do menino. Subalimentação. Deita-se ás 22 horas, levanta-se às 4 (?); dorme com dois irmãos no mesmo leito. Levanta-se de madrugada, vae à feira fazer carretos, para ganhar dinheiro e entregar à mãe; arruma a casa, limpa os pratos, faz o café da manhã, encera casas.

Não brinca em casa, porque não tem tempo e a mãe não deixa. Na Escola, brinca com os companheiros, com tendencia a dominar; gosta da companhia das meninas e dirige-lhes gracejos. Atormenta os collegas com empurrões e tapas; é tagarella, muito descuidado e pouco asseiado. É insociavel, ironico, aggressivo, irascivel e fanfarrão. Pesa 31 kilos e 500 grs., tem 1m50 de altura. Dentes bons, porem mal cuidados. Nada de anormal ao exame physico, Da orientação aconselhada:

"17/7/1935 – Instruir os paes, mostrando-lhes os inconvenientes dos castigos corporaes e dos ralhos continuos. As atitudes de agressão na creança exprimem uma reacção psychologica à vida desajustada no lar. Mostrar aos paes os inconvenientes do excesso de trabalho physico, produzindo a fadiga escolar. Assistencia alimentar (merenda escolar). Ensinar ao menino habitos de hygiene dentaria e limpeza corporal" (RAMOS, 1939b, p. 8-9).

Àquela época, portanto, crianças vivendo em condição de pobreza já estavam presentes na escola, contudo Ramos não faz diferenças entre as "crianças-problema", apenas aponta as questões que podem interferir em seu desempenho e desenvolvimento.

No texto intitulado "Pauperismo e hygiene mental", Ramos (1939b, p. 1) ressalta que

O pauperismo carrega em seu bôjo multiplas condições de desajustamento: a sub-alimentação, a doença, o alcoolismo, as reações anti-sociaes... É por isso que os educadores e psycho-sociologos assignalam tanta importancia ao estudo da creança vinda de meios pobres.

No decorrer do texto, vale-se de inúmeros autores para enfatizar que a miséria e a delinquência caminham lado a lado e que as condições precárias de vida possibilitam a "degradação moral, o fomento de ideias tenebrosas e sentimentos ruins e violentos, a queda e o crime" (RAMOS, 1939b, p. 2). Entretanto, ressalta que a delinquência é causada pela falta de afeto e não porque essas crianças são "degeneradas" ou

[...] portadoras de [alguma] cerebrina "constituição delinqual". O rapaz das ruas, o rebelde das escolas, a menina adolescente a poucos passos da prostituição... vieram de lares desajustados, ou não tiveram lar. As creanças "delinquentes" ou "dissociaes" são na realidade creanças problema, victimas do abandono affectivo pelos paes (RAMOS, 1939b, p. 4).

E complementa que todas essas situações geram reações de "fuga" e são essencialmente elas que distinguem as consequências do abandono da criança pobre em relação àquela advinda de meios econômicos melhores:

As reações da creança, os seus problemas aparecem como "fugas" de situações afetivas affectivas. Nas creanças do meio economico baixo, essa "fuga" é real; ellas vão para a rua, e "escapam" assim da mãe e do pae que as odeiam ou as abandonam. Na creança de meio economico melhor, as "fugas" tomam expressões symbolicas, reacções de furto, aggressões, mentiras e outras falhas de comportamento (RAMOS, 1939b, p. 4).

Os impactos negativos do abandono ou da agressão estão, portanto, presentes em todas as crianças, independentemente de sua situação econômica, mas as diferenças no modo de reagir ao escorraçamento é que tornam a pobreza visível.

O atendimento à criança pobre foi alvo tanto de médicos quanto de juristas. Entretanto, o que determinava e diferenciava o atendimento oferecido era sua condição familiar: "À criança pobre, cujo seio familiar era visto como ignorante, mas não imoral, reservava-se o cuidado médico e o respaldo higienista. À criança que perdera sua inocência (ou encontrava-se em perigo de...), logo pervertida, portanto criminosa – a Justiça" (RIZZINI, 2008, p. 64). Sobre essa questão, há um caso bastante singular apresentado por Ramos (1939a, p. 200-205), que demonstra tanto os impactos do pauperismo e do escorraçamento quanto a tentativa de encaminhamento do menino a um atendimento integral.

Um menino de 10 anos, J. D., apanhava frequentemente do pai alcoólatra e, por vezes, ficava amarrado pelo tornozelo com uma pulseira presa a um cadeado, para não sair de casa. Seu pai já o obrigara a trabalhar forçado em uma cocheira e atualmente o garoto aparece em casa com dinheiro. A mãe, embora não saiba ao certo de onde vem esse dinheiro, suspeita que "há actos de pederastia e que J... recebe dinheiro com isso" (RAMOS, 1939a, p. 203). Na escola é agitado, agressivo e só demonstra afeição pela professora de jogos. O exame orgânico identificou inúmeros problemas de saúde, como "Ricord e pleiades ganglionares cervical e inguinal; desnutrição; prognatismo inferior; implantação dentaria defeituosa; reflexos tendinosos exaggerados; anemia secundaria; lues congenita" (RAMOS, 1939a, p. 201).

Tanto a mãe quanto o próprio serviço de ortofrenia e higiene mental acreditavam que o melhor era retirá-lo do ambiente familiar e encaminhá-lo a um internato. Entretanto, após três meses de tramitação, o pedido foi negado, justificando-se a ausência de vagas disponíveis.

Embora seja único, esse tipo de caso relatado por Arthur Ramos serve para exemplificar não apenas as dificuldades enfrentadas pela criança para se desenvolver em condições tão adversas, mas também para demonstrar as limitações do Serviço de Higiene Mental para atender efetivamente as crianças cujas condições de vida demandassem atenção especial. De fato, cumpria seu papel apenas quando os encaminhamentos restringiam-se às orientações aos pais e aos professores ou quando indicava tratamentos de saúde.

No início do século XX, aos médicos e higienistas cabia a moralização da família, disseminando os princípios da eugenia e divulgando os cuidados necessários para que as crianças pudessem se desenvolver de modo saudável e pleno. Entretanto, como a medicina não conseguia impedir que algumas vivessem em ambientes viciosos ou escapassem dessa influência perniciosa, coube aos juristas buscar estratégias para retirá-las do âmbito familiar (RIZZINI, 2008).

Novamente, os registros do Serviço de Ortofrenia são valiosos para compreendermos de que modo as estratégias de afastamento da criança do convívio familiar ocorriam. É certo que o caso de J. D. é singular e não pode servir para generalizações errôneas, mas a possibilidade de afastá-lo do "ambiente vicioso e das influências perniciosas" foi barrada pela ausência de vagas, deixando-o à própria sorte. Ao introduzir esse caso no capítulo dedicado à criança turbulenta e agressiva, Ramos (1939a, p. 200) conclui que "contra [esse menino] se formou toda uma série de circunstancias desfavoraveis, pessimas condições de ambiente familiar, pauperismo, doença organica, alem de uma verdadeira 'conspiração sadica' dos adultos, desabava sobre elle...".

No âmbito escolar, as três obras de Ramos a que se teve acesso registram que a relação entre os profissionais que atuaram nos serviços de ortofrenia e higiene mental e os professores foi sempre muito tranquila. Em geral, eram orientados a tomar determinadas medidas no trato com as crianças, de modo a valorizá-las ou incentivá-las a viver em grupo. Agindo sob essa orientação, ao final de algumas semanas ou meses de trabalho, as anotações geralmente apontavam uma melhora no comportamento dos alunos.

Há poucos registros sobre a atuação dos professores em relação aos alunos como possíveis agentes das inadequações escolares, ainda que, ao final da obra *A criança problema*, Ramos (1939a, p. 413-415) indique que atitudes inadequadas dos professores também pudessem interferir no ajustamento do aluno. Ramos (1939a, p. 413) afirma que "há o 'professor problema', como há o 'pae problema'", entretanto nenhum exemplo concreto é apresentado.

Embora retire da situação de "anormalidade" uma grande quantidade de alunos, o autor atribui suas dificuldades escolares a fatores familiares e sociais. É preciso lembrar que, no início do século XX, a escola era acessível a uma pequena parcela da população e sua pesquisa foi realizada no Distrito Federal, onde a possibilidade de educação era muito superior à oferecida na maioria das cidades brasileiras.

Ainda que consideradas "anormais" ou "alunos-problema", essas crianças faziam parte de um seletivo grupo que teve a oportunidade de chegar aos bancos escolares. A grande riqueza da obra de Ramos é fazer conhecer as condições de vida das crianças que tiveram acesso à escola, possibilitando questionar o ingresso apenas da elite aos bancos escolares. Somente graças à descrição detalhada, elaborada pelo serviço de ortofrenia e higiene mental, foi possível conhecer a precariedade das condições em que vivia grande parte das crianças pobres com histórico de fracasso escolar.

Entretanto, o esforço empreendido por Arthur Ramos para retirá-las da condição de "anormais" não obteve o resultado esperado, se considerarmos que quase um século depois essas imagens estão fortemente presentes nas justificativas de professores e das equipes escolares quando o assunto é o fracasso.

Aspectos como a subalimentação, a inadequação do trato familiar em relação à criança e as queixas dos professores quanto ao comportamento de uma parcela dos alunos ainda estão muito próximos daqueles relatados por Ramos. Da mesma forma, os termos utilizados atualmente para caracterizar determinados alunos são outros, mas o conteúdo de cada uma das expressões ainda está fortemente relacionado ao aluno "anormal" do início do século XX ou ao "aluno-problema" dos anos 1930.

De certo modo, no universo educacional, acrescentou-se ao conceito de anormal o de "aluno-problema", assim como, ao longo do século XX, outras tantas denominações foram agregadas, como "criança favelada", "privação cultural", "situação de risco", "portador de necessidades especiais" e "vulnerabilidade", de modo a diferenciar um determinado grupo dos demais alunos com base em contextos pontuais.

Retornando ao início deste artigo, Julia (2001) ressalta que cada época gera as suas próprias variações, e vale ressaltar que não podemos desconsiderar todo o processo de expansão do ensino vivido no século XX para compreender como novos argumentos somam-se aos anteriores para compor o discurso contra o aluno que não se adapta ao modelo escolar e, especialmente, contra as crianças e as famílias pobres.

## Arthur Ramos and the "problem child" in the 1930's public school

**Abstract** – The proposal of this article is to bring back some elements of the historical constitution of our public school, especially in the early decades of 20th century, related to the need of identifying and differentiating the students who didn't adapt to school, as well as explaining such inadequacy to factors outside the educational system. Therefore, it will be presented portions of three Arthur Ramos' works, published in the 30s, that indicate the action of the hygienist movement as well as the everyday of children that attended to the school at these times, enabling the analysis of the aspects utilized by schools to identify the students who didn't adapt to the rules, and also the life conditions of those who had access to the Federal Capital's public school.

**Keywords:** Arthur Ramos, problem child, hygienist movement, student, school adjustment.

### REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, F. de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- CARVALHO, M. M. C. de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, M. C. de (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003.
- CUNHA, M. V. da. A escola contra a família. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FREITAS, M. C. de. Da idéia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a contraface de um paradigma. In: FREITAS, M. C. de; KUHLMANN JR., M. (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREITAS, M. C. de; BICCAS, M. de S. *História social da educação no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-45, 2001.
- LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2004.
- LEITE, D. M. *O desenvolvimento da criança: leituras básicas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. (Atualidades pedagógicas, v. 109).
- LOPES, E. M. T. A psicanálise aplicada às crianças do Brasil: Arthur Ramos e a "criança problema". In: FREITAS, M. C.; KUHLMANN JR., M. (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

RAMOS, A. *A família e a escola* – conselhos da higiene mental aos pais. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Educacionais, 1934. [Acervo microfilmado cedido pela Fundação Biblioteca Nacional].

\_\_\_\_\_. *A creança problema*. A hygiene mental na escola primária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939a.

\_\_\_\_\_. Pauperismo e hygiene mental. *Revista Médica da Bahia*, n. 7, jul. 1939b. [Acervo microfilmado cedido pela Fundação Biblioteca Nacional].

RIZZINI, I. *O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.